

## Os diálogos: uma comparação entre textos falados

Luiz Antônio da Silva

“Há uma grande diferença se fala um deus ou um herói; se um velho amadurecido ou um jovem impetuoso na flor da idade; se uma matrona autoritária ou uma ama dedicada; se um mercador errante ou um lavrador de pequeno campo fértil; se um colco ou um assírio; se um homem educado em Tebas ou em Argos.”

Horácio

### Língua falada e conversação

Nos últimos anos, os estudos sobre interação verbal têm sido objeto de estudo não só de linguistas, mas também de sociólogos, antropólogos, psicólogos e educadores em geral. Esses estudiosos têm procurado entender os mecanismos que regem os mais diferentes tipos de conversação praticados na sociedade moderna.

Esse interesse está relacionado ao fato de a conversação ser uma prática rotineira na vida dos seres humanos e também elemento vital para a comunicação. As conversações naturais não apresentam uma simples sucessão de intervenções de interlocutores. Os analistas desse tema têm procurado mostrar que os interactantes, consciente ou inconscientemente, utilizam diversos recursos para estruturarem o diálogo e manterem a harmonia do fluxo informacional. Com essa finalidade, procuram responder a questões básicas que envolvem a interação entre falante e ouvinte: Quando duas pessoas iniciam um diálogo, como se dá a definição de quem fala e quando fala? Como alguém sabe quando começar, continuar ou parar de falar? Existe alguma convenção que estipule que o falante deva ou não continuar com o mesmo tópico,

desenvolvê-lo ou mudá-lo? Como um interlocutor pode saber que ainda está na vez de falar? Falante e ouvinte fazem uso de um mesmo tipo de turno? Os estudos, orientados pela Análise da Conversação, têm procurado responder a essas questões e, felizmente, têm ido além. Sem contar os diversos trabalhos acadêmicos (dissertações de mestrado e teses de doutorado), é possível citar as publicações do projeto Nurc/SP (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo) já em oitavo volume.

Os estudos sobre língua falada, que são muito recentes, surgiram com os trabalhos orientados pela Sociolinguística e tiveram um avanço significativo nos últimos anos. Especialmente nas décadas de 1970 e 1980, a língua falada, como objeto de estudo, foi alvo de muito preconceito, pois os especialistas consideravam que apenas a língua escrita deveria ser estudada, já que era mais organizada e poderia ser encarada até como arte considerando os textos literários.

Na década de 1980, chegaram ao Brasil as novidades de um novo recorte teórico, a Análise da Conversação. A equipe do Projeto Nurc/SP, coordenada pelo professor Dino Preti,<sup>1</sup> participou de um seminário sobre normas de transcrição, na Unicamp, ministrado pelo professor Luiz Antonio Marcuschi.<sup>2</sup> A partir daí, como a equipe do Nurc/SP já se interessava por estudar a língua falada, ocorreu um avanço significativo nos estudos linguísticos, tendo como objeto de estudo um *corpus* de língua falada. Anos mais tarde, o professor Ataliba Teixeira de Castilho<sup>3</sup> coordenou o projeto "Gramática da Língua Falada", que utilizou o *corpus* do Projeto Nurc e reuniu linguistas de todo o Brasil.

A partir de então, pudemos observar uma série de trabalhos seguindo a linha da Análise da Conversação e a utilização de *corpus* de língua falada, isto é, os textos falados passaram a ser analisados do ponto de vista de sua própria estrutura e organização, já que, no passado, procurava-se analisar um texto falado a partir da modalidade escrita da língua.

Nossa preocupação, neste capítulo, será mostrar possibilidades de análise de um texto falado à luz dos recortes teóricos da Análise da Conversação.

## Corpus

Utilizamos dois textos falados. O primeiro faz parte do acervo do projeto Nurc/SP e o segundo é uma gravação secreta, feita em 2007. Adotamos as normas de transcrição do Projeto Nurc/SP, constantes em Preti (1993, p. 11):

( ) = incompreensão de palavras ou segmentos;

/ = truncamento;

maiúscula = entonação enfática;

:: = prolongamento de vogal ou consoante;

... = qualquer pausa;

(( )) = comentários do transcritor;

[ = superposição de vozes;

## Inquérito 343 do Projeto Nurc/SP

O Projeto Nurc iniciou suas atividades no final da década de 1970, com o objetivo de estudar a linguagem falada culta das cinco principais capitais do Brasil, na época: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Na década de 1980, completaram-se as gravações e, em seguida, teve início a fase das análises. O grupo de São Paulo tomou a iniciativa de empreender a publicação de um *corpus* mínimo e, posteriormente, passou a publicar as análises desse *corpus*. Para uma história do Projeto Nurc, recomendamos a leitura de Silva (1996).

O Inquérito 343 é uma gravação do tipo D2, isto é, diálogo entre dois informantes. L1, do sexo masculino, com 26 anos de idade, engenheiro, e L2, do sexo feminino, psicóloga, com 25 anos de idade. L1 e L2 são irmãos, por isso o grau de intimidade entre eles é grande. A transcrição completa encontra-se em Castilho e Preti (1987).

- 1 Doc.: bom gostaríamos que vocês falassem a respeito do da
- 2 cidade e do comércio...
- 3 L1: tem saído ultimamente... de carro?
- 4 L2: ((risos)) tenho mas você diz sair... fora... sair normalmente
- 5 para a escola essas coisas?
- 6 L1: pegar a cidade ( )
- 7 L2: tenho se bem que eu acho que eu conheço pouco a cidade
- 8 né?... por exemplo se eu for comparar com...
- 9 L1: você viu se está gravando direito aí?
- 10 Doc.: está está eu já deixo no automático...
- 11 L1: ah o automático não indica velo/...
- 12 Doc.: não... ((vozes distantes))
- 13 L2: tenho saído sim... assim em termos mas eu acho por
- 14 exemplo:... de sair:... éh:... sabe sair por aí:: descobrir
- 15 L1: [ uhn

- 16 L2: lugares novos e tal acho que meu conhecimento de  
 17 São Paulo é muito restrito se comparar com papai por exemplo...  
 18 L1: eu fui:: quinta-feira... não foi terça-feira à noite fui lá no  
 19 (Taidi) né? lá na Celso Furtado  
 20 L2: éh::  
 21 L1: passei ali em frente à:: Faculdade de Direito... então estava  
 22 lembrando... que eu ia muito lá quando tinha sete nove onze...  
 23 (com) a titia sabe?... e:: está muito pior a cidade... está... o  
 24 aspecto dos prédios assim é bem mais sujo... tudo  
 25 acinzentado né?  
 26 L2: uhn:: poluição né?  
 27 L1: ruas mais ou menos sujas... ali perto da Praça da Sé da  
 28 Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né?...  
 29 achei horrível... feio feio feio... e toda segunda à noite eu  
 30 passo ali do lado da faculdade certo?  
 31 L2: quando você vai pra:: para Aliança né?  
 [   
 32 L1: é quando eu pego o carro... e:: também é  
 33 horrível o aspecto... (parece) assim montoeira de concreto...  
 34 sem nenhum aspecto humano certo? os prédios sem::  
 35 estilo arquitetônico... ou de estilo arquitetônico tudo  
 36 desencontrado não tem não tem integração...  
 37 L2: mas isso acho que não tem né? em::... lugar nenhum da  
 38 cidade a não ser talvez... assim  
 [   
 39 L1: me parece que...  
 40 L2: bairro em termos de visão::  
 41 L1: me parece que está ahn:: envelhecida a cidade né?... ahn:::  
 42 muita construção... antiga não tem muita construção nova...  
 43 L2: oh eu acho que em termos de::... centro por exemplo está  
 44 começando a acontecer um negócio que... você vê normalmente  
 45 em cidade americana grande Washington Nova Iorque... que  
 46 é::... pessoal mais classe alta ir para o subúrbio... e o:: centro  
 47 bom:: em Washington por exemplo é muito gueto... né?  
 48 em Nova Iorque também... então a Tatá estava contando  
 [   
 49 L1: uhn  
 50 L2: outro dia né? que:: depois das seis horas da noite você  
 51 andar na cidade e o jeito dela “só tem preto... só tem preto e

- 52 bicha” né? e::... e realmente acho que ne/ muito pouca  
 53 gente ainda mora lá assim de nível socioeconômico mais  
 54 alto né?...  
 55 L1: é porque de noite... está vazia bem vazia não tem trânsito  
 56 (mas)... é concreto com rua... asfalto... acabou né?... Lins por  
 57 exemplo não é assim né? você tem você tem... tem um  
 58 aspecto de::... de acho que parece bairro a cidade né? não  
 59 tem muito movimento... éh:: chega seis sete horas  
 [   
 60 L2: mas que tamanho quantos  
 61 habitantes tem lá?  
 62 L1: todo mundo na rua... ah não sei... deve ter uns::... cinquenta  
 63 cem mil...  
 64 L2: éh São Paulo acho assim uma vez o Franck sabe aquele que  
 65 é arquiteto?  
 66 L1: uhn...  
 67 L2: ele estava falando que a topografia da cidade é muito  
 68 bonita... e eu inclusive gosto né? cheio de... montes

### Gravação secreta

A gravação secreta que transcrevemos abaixo foi realizada em 2007 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. L1 e L2 são colegas de universidade. L1, do sexo masculino, com 23 anos de idade, cursa História, e L2, do sexo feminino, com 22 anos de idade, cursa Letras.

- 1 L1: você acha legal estudar aqui?  
 2 L2: gosto muito do *campus*... é um lugar arborizado  
 3 florido tranquilo... enfim um lugar lindo de morrer...  
 4 L1: outro dia batendo um papo com o Carlão sabe aquele que  
 5 é do grupo?  
 6 L2: que grupo?  
 7 L1: de estudos folclóricos  
 8 L2: sei  
 9 L1: então... ele estava dizendo que nem parece que estamos  
 10 em:: em::... em::  
 11 L2: São Paulo

- 12 L1: em São Paulo e que ele vem... aqui... todo mês  
[
- 13 L2: uhn
- 14 L1: quer dizer todo fim de semana com:: com::
- 15 L2: sei
- 16 L1: com a mina dele sabe? isto é com a namorada
- 17 e... alugam bi/ bike bicicleta e:: né?
- 18 L2: uhn uhn
- 19 L1: e:: passam o dia...
- 20 L2: é claro que tudo aqui precisa melhorar... principalmente
- 21 aqui no:: no:: *campus* quer dizer no prédio...
- 22 L1: é verdade
- 23 L2: pois está... parece abandonado... e:: e::  
[
- 24 L1: ouvi di/ desculpa pode continuar
- 25 L2: e caótico... parece que ninguém liga pra isto e::...
- 26 L1: por falar em abandono... ouvi dizer que logo vão
- 27 começar as obras de:: de::
- 28 L2: reforma...
- 29 L1: éh:: éh:: de reforma... falaram que vai ficar uma
- 30 beleza entende?
- 31 L2: uhn uhn
- 32 L1: e parece que verba não falta pra isto...
- 33 L2: eu só espero que não seja só boato...
- 34 L1: eu também... mas nunca se sabe  
[
- 35 L2: é por isso que eu digo que há
- 36 nece/ necessidade de:: de:: fiscalização... tem que haver uma
- 37 marcação cerrada na administração...
- 38 L1: é mesmo... tem que ficar em cima do:: do:: né? dos homens  
[
- 39 L2 mas o problema
- 40 é que as pessoas se acomodam... e ninguém fis/ fiscaliza...
- 41 fica tudo acomodado
- 42 L1: sabe o que acontece é:: é:: é:: QUE NINGUÉM RECLAMA  
[
- 43 L2: o problema é::
- 44 L1: porque tem medo da pressão e... às vezes do ridículo

## Fundamentos teóricos

A conversação é um dos eventos mais importantes da vida diária, pois, a todo momento, estamos interagindo. A conversação é o meio básico para essa interação e representa um evento comunicativo em que duas ou mais pessoas se alternam nos papéis de falante e ouvinte.

Ela tem sido centro de atenção de diversas perspectivas científicas, tanto do ponto de vista individual como social. Por isso o termo *conversação* pode ser concebido de maneiras diversas. Há aqueles que o utilizam num sentido amplo, que recobre qualquer tipo de interação oral e, em geral, fazem distinção entre conversação informal (aquelas que são espontâneas, não planejadas) e conversação formal (aquelas que têm algum tipo de planejamento prévio (entrevistas, debates, reuniões de trabalho, apresentações em congressos etc.). Há aqueles que utilizam *conversação* num sentido mais restrito, como sinônimo de conversação espontânea, que não tem qualquer planejamento prévio. Para a equipe Val.Es.Co (Valência, Espanhol Coloquial), coordenada por Briz Gómez, a *conversação* caracteriza-se, no que se refere a outros tipos de discursos falados (debates, entrevistas), por cinco características básicas: interlocução em presença, isto é, conversação face a face; caráter atual, imediato (aqui e agora); distribuição de turnos não predeterminada; dinamismo, isto é, alternância de turnos imediata, que favorece a maior ou menor tensão dialógica; caráter cooperativo em relação ao tópico desenvolvido.

Ainda que haja diferenças e divergências, todos esses conceitos se ajustam ao material com que temos trabalhado, pois os textos falados que utilizamos encaixam-se nos padrões de conversação propriamente dita.

A conversação é uma prática cotidiana e rotineira na vida das pessoas. Por meio dela, os indivíduos se comportam como seres sociais, isto é, relacionam-se com outras pessoas e procuram conseguir seus propósitos, conversando; rompem relacionamentos conversando ou deixando de conversar. Silva (2005), ao fazer considerações sobre o termo *conversação*, apresenta a explicação etimológica:

Etimologicamente, *conversação* é um substantivo ligado ao verbo *conversar*, que procede do latim *conversare*, encontrar-se habitualmente num mesmo local. Esse termo é composto de *com* (junto) e *versare* (dar voltas). Remete-nos, pois, à ideia de conviver com outras pessoas. A palavra *conversação* deriva do latim *conversatio, onis*, que significa convivência, ação de viver junto. A conversação é, pois, uma atividade em que duas ou mais pessoas interagem por meio da linguagem verbal e/ou não-verbal. (2005, p. 32)

Os fundamentos teóricos para se estudar um texto falado têm sido buscados na Análise da Conversação. Essa disciplina nasceu, basicamente, no campo da Sociologia e se estendeu à Linguística. As orientações da Análise da Conversação nasceram e se formaram na tradição da Etnometodologia de Garfinkel e dela são usados princípios teóricos e metodológicos. Trata-se de uma corrente criada nos finais dos anos 1950 e inícios dos anos 1960 nos Estados Unidos, em oposição à Sociologia tradicional.

Foram Harvey Sacks e seus colaboradores que deram grande contribuição para que a nova disciplina progredisse. O objeto da Análise da Conversação desenvolvida por Sacks tem por foco estudar a organização da conduta significativa das pessoas na sociedade, isto é, o modo como os indivíduos de uma sociedade realizam suas atividades e dão sentido ao mundo que os rodeia.

Para entendermos adequadamente os estudos conversacionais, é preciso esclarecer alguns conceitos teóricos.

## Tópico

Quando duas ou mais pessoas conversam, elas sempre abordam um ou mais assuntos, por isso o conceito de tópico pode ser entendido como aquilo de que se fala.

O tópico é uma atividade construída de forma cooperativa, pois, quando os interactantes se reúnem para conversar, falam sobre alguma coisa, mesmo que não estejam de acordo. Fávero (1993) ressalta a importância do conceito de tópico para se entender a organização conversacional:

A noção de tópico é de fundamental importância para o entendimento da organização conversacional e é consenso entre os estudiosos que os usuários da língua têm noção de quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico, de quando mudam, cortam, criam digressões, retomam, etc. (Fávero, 1993, p. 39)

O fluxo informacional de uma conversa, isto é, a sucessão de assuntos desenvolvidos é organizada e, não raras vezes, é hierárquica. É possível fazer a segmentação tópica de uma conversação, por isso há *supertópico*, *tópicos* e *subtópicos*.

Muitas vezes, acontece de o tópico ser interrompido, passar-se a um novo tópico e, depois, voltar-se ao tópico interrompido. Trata-se de uma *digressão*. O que marca a digressão é o desvio do tópico e o retorno ao tópico interrompido. Na linha 21, L1 desenvolve o tópico “aspecto da cidade”, mas desvia-se desse tópico para contar que se lembrou de que ia àqueles lugares com sua tia. Caso se queira representar graficamente a digressão, deve ser separada pelas duas barras:

*passei ali em frente à:: Faculdade de Direito... // então estava lembrando... que eu ia muito lá quando tinha sete nove onze... (com) a tia sabe?// ... e:: está muito pior a cidade... está o aspecto dos prédios assim é bem mais sujo...*

Observe-se que, se tirarmos o segmento que corresponde à digressão, não haverá qualquer prejuízo para o entendimento do tópico em questão – aspecto da cidade.

Também é frequente, na conversação, haver interrupção do tópico e não se voltar a ele. Nesse caso, teremos um tópico abandonado ou abortado. Por causa do dinamismo da conversação, é comum que isso aconteça.

## Turno

Em 1974, Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson (SSJ) publicaram um artigo na revista *Language*, que se tornou um clássico no assunto desenvolvido. Nesse estudo, os autores averiguaram qual é o sistema de tomada de turno que prevalece na interação conversacional, independentemente do aspecto cultural. Dessa forma, SSJ propõem um clássico estudo sobre tomada e distribuição de turnos, deixando claro que esse sistema específico de tomada de turno é a principal característica da conversação. Os autores afirmam que estudar as conversações desse ponto de vista significa explicar os métodos que as pessoas empregam para efetuarem os intercâmbios ordenados de turno e para manifestarem um ao outro a natureza regulada, coerente e descritível de suas sequências conversacionais.

Nesse modelo, *turno* engloba tanto o direito que cada um dos interlocutores da conversação tem de tomar a palavra como a fala construída no momento em que cada um dos interlocutores toma a palavra. No momento em que um turno está sendo produzido, os ouvintes têm a capacidade de prever o momento em que a fala de seu interlocutor estará completa e, dessa forma, tomar o turno, isto é, transformar-se de ouvinte em falante. Esse ponto de possível completude é denominado *lugar relevante para a transição de turno* ou *LRT*.

A regra geral básica da conversação é “fala um de cada vez”. Isso quer dizer que o sistema de trocas de turno é organizado e assegura que uma única pessoa fale de cada vez e que, portanto, haja alternância nos papéis de falante e de ouvinte. Embora seja um princípio básico e fundamental para não provocar uma conversação caótica, a referida regra costuma ser violada com certa frequência, ainda que por momentos breves. O mecanismo que administra a tomada de turno é um sistema localmente comandado e, assim, tem um caráter contextual e não automatizado.

Tendo como base a análise quantitativa de um grande *corpus*, constituído por conversações espontâneas, ssj estabelecem técnicas e regras e, também, uma lista de 14 características para a tomada de turno (Cf. Silva, 2005, pp. 54-6).

Marcuschi (1986, p. 89) define turno como sendo, técnica e estruturalmente, “a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade do silêncio, que é significativo e notado”. O autor não considera turno a produção do ouvinte durante a fala de alguém. Cremos que, ainda que sejam tipos diferentes, essas intervenções do ouvinte podem ser consideradas turno.

Em um estudo sobre o espanhol falado em Alcalá de Henares, na Espanha, Cestero Mancera (2000) deixa claro que não é fácil definir turno, pois muitas e distintas são as definições que os analistas da conversação têm dado. Para ela, turno é “um período de tempo que se inicia quando uma pessoa começa a falar e conclui quando a referida pessoa deixa de falar” (Cestero Mancera, 2000, p.19). Com relação aos tipos de turno, enfatiza que eles desempenham funções diferentes na conversação, dependendo de forma direta da intenção do interactante que os enuncia. Dessa forma, distingue dois tipos de turno, relacionados com a função que desempenham no sistema de tomada de turno: *turnos de fala* (próprios de falante) e *turnos de apoio* (de ouvintes).

Galembeck, Silva e Rosa (1990, p. 83) consideram turno cada intervenção dos interlocutores. Os autores ressaltam, no entanto, que a “conversação não se define como uma simples sucessão de turnos alternados; apresenta, ao contrário, uma organização hierárquica complexa que permite a decomposição em níveis de estudo”.

Conforme observado, há várias posições sobre a conceituação de turno. Autores diferentes buscaram diferentes formas para definir turno, muitas vezes, discordando em parte ou totalmente das visões apresentadas. Adotamos a definição de turno de acordo com a concepção de Galembeck, Silva e Rosa (1990) pelo fato de valorizar todas as intervenções dos interlocutores, inclusive aquelas intervenções breves, usadas, muitas vezes, para o monitoramento do falante. Assim, neste capítulo, cada intervenção será considerada turno, embora cientes de que, dependendo da intervenção, poderemos encontrar turnos diferentes, em níveis diferentes e hierarquicamente diferentes.

De acordo com Galembeck, Silva e Rosa (1990), estabelecemos uma tipologia de turno que descrevemos a seguir.

Há aquelas intervenções que contribuem para o avanço do fluxo informacional e que são turnos próprios de falante. A esses turnos chamaremos de *nucleares*. Há, também, turnos próprios de ouvinte, isto é, aqueles que

não contribuem significativamente para o avanço do tópico. Em geral, são os chamados “fáticos”, elementos próprios da fala e que têm a função de indicar atenção, compreensão, acompanhamento, concordância. A esses chamaremos de turnos *inseridos*.

Os turnos nucleares podem ser divididos em *justapostos* e *em andamento*. Os primeiros estão interligados a outros turnos nucleares, enquanto os segundos estão entrecortados por turnos inseridos. Entre as linhas 1 e 6, do Inquérito 343, encontramos quatro turnos nucleares justapostos. Entre as linhas 9 e 19, da gravação secreta, é possível observar um grande turno de L1, entrecortado por turnos inseridos. Trata-se, portanto, de um turno nuclear em andamento.

Os turnos inseridos podem ser subdivididos em *interacionais* e *de contribuição para o tópico*. Os primeiros são os típicos fáticos, têm a função de manter o canal de comunicação aberto. Os segundos, ainda que não se caracterizem como turno de falante, têm certa contribuição no avanço do tópico, ocorrendo, especialmente, nos casos de “sintaxe a dois”. Entre as linhas 12 e 19 da gravação secreta, os turnos de L2 – “uhn” (linha 13), “sei” (linha 15) e “uhn uhn” (linha 18) – têm função, essencialmente, interacional. São turnos inseridos porque não contribuem para o avanço do fluxo informacional e são interacionais porque, simplesmente, indicam acompanhamento, entendimento e concordância. Entre as linhas 10 e 11 da gravação secreta, é possível ver um exemplo de turno inserido de contribuição, pois o segmento “São Paulo”, enunciado por L2, completa o raciocínio de L1, ainda que essa intervenção não indique que L2 deseje tomar a palavra.

Resumindo, são quatro os tipos de turno:

Quadro 1. Tipologia de turno

Turno nuclear justaposto
Turno nuclear em andamento
Turno inserido interacional
Turno inserido de contribuição

## Estratégias de gestão de turno

As estratégias de gestão de turnos dizem respeito aos procedimentos pelos quais há troca de papéis, isto é, o falante se torna ouvinte e vice-versa, ou a tentativa de prolongar o momento em que se está com a palavra. Em síntese, as

estratégias de gestão de turno referem-se à maneira pela qual os turnos são distribuídos durante o processo de interação conversacional entre os interactantes. Segundo Galembeck, Silva e Rosa (1990) e Galembeck (1993), há dois tipos de estratégias de gestão de turno: *troca de falantes* e *sustentação da fala*.

A troca de falantes se dá segundo a presença (passagem) ou ausência (assalto) de pistas de LRT, que é o lugar relevante para a transição de turno, marcado pela completude sintático-semântica e que pode ser acompanhado de pausas, alongamentos ou, ainda, de marcadores conversacionais. A passagem de turno pode ser requerida ou consentida pelo falante. No primeiro caso, há uma entrega explícita, isto é, o interactante que estava com a palavra, por meio de marcadores (*né?*, *entende?*, *o que você acha?*) ou por meio da entonação ascendente (interrogação ou interpelação), sinaliza ao interlocutor que é a vez de assumir o turno. No segundo, há uma entrega implícita, isto é, há alguns indícios de que o interactante que estava com a palavra a está entregando ao parceiro conversacional. Nesse caso, pode haver marcadores suprasegmentais (pausa, entonação descendente) ou marcadores paralinguísticos (riso, gestos). Considerando o fragmento do Inquérito 343, entre as linhas 3 e 4, há uma passagem requerida de turno. Já entre as linhas 17 e 18, uma passagem consentida.

Os assaltos representam a invasão do turno do outro interactante que está com a palavra; é a violação do princípio básico da conversação, segundo o qual cada um deve falar na sua vez. O assalto pode ser “com deixa”, isto é, aquele que invade o turno aproveita pistas de hesitação (pausas ou alongamentos), e “sem deixa”, isto é, invasão brusca, sem qualquer sinal de hesitação. Na linha 35 da Gravação Secreta, há um exemplo de assalto sem deixa, enquanto na linha 39, um exemplo de assalto com deixa.

Frequentemente, depois de emitir uma unidade de turno, o interactante pode querer continuar com a palavra, mesmo sabendo que seu interlocutor deseja tomar o turno. Para evitar a perda do turno, o falante utiliza mecanismos de sustentação, como marcadores, alongamentos, repetições e elevação da voz. O objetivo é sinalizar ao ouvinte sua intenção de manter o turno. Trata-se de *autossustentação*. Por outro lado, é possível que o ouvinte deseje sancionar seu interlocutor como aquele que está com a palavra, quer dizer, o ouvinte não tem intenção de tomar a palavra, no entanto, deseja mostrar que não está alheio e que participa ativamente, por isso emite turnos breves que funcionam como monitoradores do falante. Na verdade, essas intervenções acabam por sustentar o turno do outro, isto é, elas reafirmam a condição de falante do interlocutor. É um caso de *heterossustentação*. Considerando a gravação secreta, na linha 42, há um exemplo típico de autossustentação, pois L1 eleva a voz, a fim de manter-se na vez de falar. Na linha

11, há um exemplo de heterossustentação, pois L2 não deseja assumir a palavra, mas apenas socorrer seu interlocutor e deixar claro que a palavra está com L1.

Em resumo:

#### Quadro 2. Estratégias de gestão de turno

##### 1. Troca de falantes

###### 1.1. Passagem de turno

- a. Passagem requerida
- b. Passagem consentida

###### 1.2. Assalto ao turno

- a. Assalto com deixa
- b. Assalto sem deixa

##### 2. Sustentação da fala

###### 2.1. Autossustentação

###### 2.2. Heterossustentação

### Pares adjacentes

Outra característica fundamental do modelo de ssj diz respeito aos *pares adjacentes*. Esse termo foi cunhado para designar uma sequência de dois turnos recorrentes na conversação, em que o primeiro projeta e requer um segundo turno complementar produzido por outro falante. São sequências de enunciados adjacentes, produzidos por falantes diferentes, ordenados com uma primeira e uma segunda parte e classificados de maneira que uma primeira parte requer uma segunda. O não-aparecimento da outra parte do par seria uma atitude inadequada. Como exemplos de pares adjacentes, citamos: pergunta/resposta; oferta/aceitação/recusa; convite/aceitação/recusa; saudação/saudação, pedido de desculpa/perdão etc.

De acordo com Schegloff e Jefferson (1973, pp. 295-6), os *pares adjacentes* são sequências de dois enunciados que:

- apresentam posição adjacente (uma intervenção sucede a outra de forma consecutiva);
- são produzidos por falantes diferentes;
- são ordenados com sequência predeterminada;
- compõem-se de uma primeira e de uma segunda parte;
- a primeira parte seleciona o próximo falante e determina sua ação;
- a primeira parte coloca o ponto relevante para a transição de turno.

Segundo Levinson (1989, p. 290), a regra que governa o uso do par adjacente é a seguinte: “Depois de produzir uma primeira parte de algum par, o falante que está com a palavra deve deixar de falar e o falante seguinte deve produzir nesse ponto uma segunda parte do mesmo par.” É interessante observar que os dois textos falados, que serviram de *corpus* para este capítulo, iniciam com um par adjacente prototípico: pergunta e resposta.

### Marcadores conversacionais

Quando se faz uma transcrição de um texto falado, percebe-se uma grande quantidade de partículas que, em geral, são esvaziadas de conteúdo referencial, mas fundamentais na organização geral do texto conversacional. São os *marcadores conversacionais* que, no dizer de Urbano (1993, p. 86), “amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal”. Em geral, as gramáticas normativas, usualmente voltadas para a língua escrita, ignoram essas partículas.

As funções dos marcadores conversacionais são variadas:

- ajudam a construir e dar coesão e coerência ao texto falado;
- ajudam a organizar o texto;
- amarram o texto;
- marcam as relações interacionais.

Esses marcadores podem ser linguísticos ou não linguísticos; verbais ou não verbais, como pausas, alongamentos, olhar, riso etc. Há marcadores conversacionais típicos de falantes e marcadores típicos de ouvinte (Cf. Silva, 2001).

No início da transcrição do Inquérito 343, é possível observar alguns marcadores conversacionais. No início do turno da documentadora, encontramos o marcador “bom”. Repare-se que a única função é marcar o início de uma conversa, pois apenas sinaliza que começará o tópico. Esse termo – *bom* – não é o que costumeiramente conhecemos como adjetivo, oposto a *mau*. É apenas a marca do início da fala da documentadora. Esse marcador “bom” também pode aparecer no meio do turno, como se observa na linha 47 do Inquérito 343. Ao longo da transcrição, o marcador “né?” aparece inúmeras vezes. Ele pode ter a função de simples preenchedor de pausa, isto é, o falante, em um momento de hesitação por causa do planejamento, enuncia o “né?” não com o objetivo de obter uma resposta, mas simplesmente para preencher o silêncio. Outras vezes, o “né?” serve como busca de aprovação discursiva. Outras vezes, representa o que chamamos de *muleta* conversacional, pois faz parte da estrutura conversacional

do falante. Nas conversações, é comum que o interactante que está com a palavra queira saber qual o grau de entendimento, de consentimento ou de interação com o interlocutor, por isso enuncia tal marcador para testar o canal de comunicação.

### Procedimentos de reformulação

Uma das características básicas do texto falado é o planejamento local, isto é, no mesmo instante em que se planeja, enuncia-se o segmento planejado. Consequentemente, há marcas de hesitação, erros de planejamento e, portanto, reformulações no texto. Em geral, os interactantes utilizam processos de reformulação porque desejam garantir um melhor entendimento do tópico desenvolvido.

São dois os procedimentos de reformulação: *correção* e *paráfrase*. Os dois buscam reformular um enunciado que pode ser problemático, mas a diferença básica reside na natureza da relação semântica que existe entre o enunciado a ser reformulado e o enunciado reformulador. Na correção, há uma relação de contraste semântico entre o enunciado reformulador e o enunciado reformulado. Na paráfrase, há uma relação de equivalência semântica.

Na linha 21 da gravação secreta, encontra-se um típico caso de correção, pois L2 corrige o enunciado de “*campus*” para “*prédio*”. Na linha 16, há um exemplo de paráfrase, pois L1 reformula seu enunciado “*mina*” para “*namorada*” (com equivalência semântica), para explicitar melhor a mensagem.

### Comentários sobre o Inquérito 343

Trata-se de um fragmento simétrico, pois há alternância entre os interlocutores. A documentadora inicia o diálogo e apresenta os supertópicos: cidade e comércio. Nesse fragmento, o supertópico é *cidade*, apenas.

Documentadora, L1 e L2 dão início ao desenvolvimento do tópico por meio de um par adjacente típico: pergunta/resposta. Na linha 3, L1 propõe uma pergunta a L2: “tem saído ultimamente... de carro?”. É possível perceber certo nervosismo (risos) e certo ar de desconforto entre os interlocutores, ainda que tenham intimidade, pois são irmãos. Esse nervosismo logo se dissipa; alguns minutos depois, os interactantes estarão à vontade durante a conversa.

Entre as linhas 8 e 9, há um assalto ao turno, com deixa, representada pela pausa. L1 aproveita a hesitação de L2 e, preocupado com o gravador, interrompe sua conversa com L2 e começa a dialogar com a documentadora a respeito de problemas do gravador.



Na linha 15, há um típico turno inserido interacional. Repare-se que L1, enquanto L2 desenvolve o tópico, enuncia o segmento “uhn”, sinalizando acompanhamento. O turno de L1 foi emitido em sobreposição, entretanto não se pode dizer que seja assalto ao turno, pois L1 não deseja tomar a palavra, pelo contrário, sanciona L2 como falante. É importante salientar que o turno de L1 é uma estratégia de heterossustentação, na medida em que garante a L2 o *status* de falante. Em outras palavras, L1 deixa claro ao interlocutor que pode continuar com a palavra, pois está ouvindo, entendendo, acompanhando e, além do mais, está de acordo com a situação.

Entre as linhas 18 a 30, encontramos um exemplo de turno nuclear em andamento. L1 desenvolve o tópico a respeito do aspecto da cidade e, durante o desenrolar desse turno, L2 faz algumas intervenções, não com o intuito de tomar a palavra, mas com o objetivo de sinalizar acompanhamento (“éh::”, linha 20) e concordância (“uhn:: poluição né?”, linha 26). Este último exemplo ilustra uma heteroparáfrase, pois o segmento de L2 não acrescenta nada de novo ao tópico, simplesmente resume o que L1 estava dizendo.

É possível observar, na linha 39, um caso de assalto sem deixa. L1 interrompe, bruscamente, seu interlocutor, violando a regra “fala um de cada vez”. No entanto, sabemos que, quando isso acontece, um dos interactantes deve ceder a vez ao outro. L1 não leva adiante seu intento e, com isso, L2 continua a desenvolver o tópico. L1, entretanto, não desiste de tomar a palavra e, na primeira oportunidade (hesitação de L2 na linha 40), tenta novamente, usando o mesmo segmento da linha 39 (“me parece que”, linha 41) e, dessa vez, há um assalto com deixa. L2, por sua vez, ao retomar a palavra na linha 43, emprega o mesmo segmento que foi interrompido na linha 40: “oh eu acho que **em termos de:...**”.

Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) salientam que as sobreposições são comuns, mas não podem ser prolongadas, pois pode haver colapso na comunicação. Na linha 60, há um assalto sem deixa, produzido por L2 (“mas que tamanho quantos habitantes tem lá?”). Repare-se que os dois interactantes não cedem a vez. É um caso incomum, pois os dois completam o pensamento, em sobreposição de voz, e um entende o que o outro quer dizer. Mudando a disposição dos turnos transcritos, teríamos:

L1: ... não tem movimento... éh:: chega seis sete horas todo mundo na rua...

L2: mas que tamanho quantos habitantes tem lá?

L1: ah não sei... deve ter uns:... cinquenta mil...

Na linha 18, há um exemplo de autocorreção, autoiniciada. L1 corrige sua informação inicial, quinta-feira, para terça-feira. O mesmo ocorre na linha 22, em que L1 revela não estar seguro de sua lembrança a respeito da idade (“sete nove onze”).

Com efeito, na linha 29, encontra-se um exemplo de autoparáfrase, autoiniciada, pois L1 enuncia o termo “horrrível” e, em seguida, repete a mesma ideia de forma intensificada por meio da repetição “feio feio feio”.

Nem sempre o mesmo segmento nos leva à mesma tipologia de turno. Na linha 66, há um segmento, enunciado por L1, que, aparentemente, se trata de um turno inserido interacional, mas, na verdade, é um turno nuclear justaposto, pois o segmento de L1 (“uhn...”) não é um simples ato de concordância ou acompanhamento, mas é uma resposta a uma pergunta de L2. Considerando as estratégias de gestão de turno, entre as linhas 65 e 66, há passagem requerida, isto é, L2 passa a palavra a seu interlocutor e a resposta deste é fundamental para os rumos do desenvolvimento do tópico.

## Comentários da gravação secreta

Como é de hábito, o início do diálogo é marcado por um par adjacente: L1 faz uma pergunta ao interlocutor, L2: “você acha legal estudar aqui?”. O par adjacente se repetirá e terá importância fundamental no desenvolvimento do tópico.

Entre as linhas 4 e 8, encontra-se o que Marcuschi (1986) chama de *sequência inserida*, um par adjacente inserido entre duas partes de um outro par adjacente:

**P1** L1: sabe aquele que é do grupo?

**P2** L2: que grupo?

**R2** L1: de estudos folclóricos

**R1** L2: sei

A resposta (R1) da primeira pergunta (P1) só é dada depois que foi enunciada a segunda pergunta (P2) e a resposta dessa pergunta (R2).

Na linha 3, há um exemplo de paráfrase, pois o segmento “enfim um lugar lindo de morrer” resume os segmentos anteriores: “lugar arborizado”, “florido” e “tranquilo”. Há, também, um marcador parafrástico – *enfim* – que anuncia que haverá uma síntese do que foi dito.

Entre as linhas 10 e 11, encontra-se um caso típico de “sintaxe a dois”. Nesse caso, há também um turno inserido de contribuição para o tópico. L2, ao perceber a hesitação de L1, socorre-o, pois nota que seu interlocutor se encontra em um momento de hesitação e de dificuldade para completar o enunciado.

Um exemplo típico de correção pode ser encontrado na linha 14: “quer dizer todo fim de semana”. Esse segmento corrige o enunciado “todo mês”. Observe-se, também, a presença do marcador de correção “quer dizer”.

O segmento da linha 24 – “ouvi di/ desculpe pode continuar” – foi uma tentativa de assalto, sem deixa. Como percebeu que violou a regra “fala um de cada vez”, procura reparar por meio de um ato de cortesia, em que reconhece a violação, pede desculpas e cede a vez ao outro. No entanto, momentos depois, assalta novamente o turno de L2 (com deixa, representada pela hesitação). Dessa vez, não há a preocupação de reparar a infração conversacional, pois a urgência de dizer o que foi dito era grande. Observe que foi empregado o mesmo segmento da primeira tentativa (da linha 24): “ouvi dizer”.

Entre as linhas 26 e 32, há um longo turno de L1, que pode ser classificado como turno nuclear em andamento, pois está entrecortado por um turno inserido de contribuição – “reforma” (linha 28) – e por um turno inserido interacional – “uhn uhn” (linha 31).

## Considerações finais

Neste capítulo, propusemo-nos a apresentar os conceitos básicos que norteiam a Análise da Conversação. Também apresentamos algumas sugestões de como se pode analisar um texto falado, não a partir da estrutura da modalidade escrita, mas considerando as especificidades da língua falada.

A fim de que se possa entender melhor a organização e o funcionamento da língua falada, mas não a partir dos parâmetros teóricos da língua escrita, expusemos alguns conceitos importantes da Análise da Conversação.

## Bibliografia

- BARROS, Diana L. P. de. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1983, pp.129-56.
- BRIZ GÓMEZ, Antonio (org.). *El español coloquial en la conversación: esbozo de pragmatogramática*. Barcelona: Ariel, 1998.
- CASTILHO, Ataliba T. de; PRETI, Dino (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: diálogos entre dois informantes*. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1987.
- CESTERO MANCERA, Ana M. *El intercambio de habla en la conversación (análisis sociolingüístico)*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2000.
- FÁVERO, Leonor L. O tópico discursivo. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1993, pp. 33-54.
- GALEMBECK, Paulo de T. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1993, pp. 55-79.
- \_\_\_\_\_; SILVA, Luiz Antônio da; ROSA, Margarete de M. O turno conversacional. In: PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: estudos*. São Paulo: T.A. Queiroz/Fapesp, 1990.
- HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1993, pp.103-27.

LEVINSON, S. *Pragmática*. Barcelona: Teide, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1993.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, 50, pp. 696-735, 1974.

SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. Opening and Closings. *Semiótica*, 8, 1973, pp. 289-327.

SILVA, Luiz Antônio da. Projeto Nurc: histórico. *Linha D'Água*, 10, pp. 83-90, 1996.

\_\_\_\_\_. Monitoramento na conversação: a interferência do ouvinte. In: URBANO, H. et al. (orgs.). *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia, ensino*. São Paulo: Cortez, 2001, pp. 128-44.

\_\_\_\_\_. Conversação: modelos de análise. In: SILVA, Luiz Antonio da (org.). *A língua que falamos. português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005, pp. 31-71.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1993, pp. 81-101.

## Sugestão de exercício

Transcrição de uma gravação secreta

- 1 L1: você já conhece a:: a:: a Estância?  
2 L2: é a primeira que venho aqui... já conhecia... de nome de [ sei  
3 L1:  
4 L2: ouvir falar... mas nunca tinha estado aqui antes... e você?  
5 L1: já conheço há muitos anos... meu pai sabe?  
6 L2: uhn  
7 L1: meu pai teve casa aqui... co/ vendeu... depois ergueu quer  
8 dizer comprou um:: terreno e:: e:: construiu uma bela casa...  
9 aí veio um período de crise... aí vendeu de novo e:: nunca [  
10 L2: uhn uhn  
11 L1: mais comprou casa aqui mas... eu comprei depois...  
12 L2: há quanto tempo você tem casa aqui?  
13 L1: uhn::... sei lá... acho que... sei lá... uns:: seis oito anos [  
14 L2: deixa pra lá...  
15 L1: eh:: já não me lembro mais...  
16 L2: você que construiu a casa?  
17 L1: não... eu não gosto de construção... prefiro... éh:: éh:: pronta  
18 acabada... de preferência já com tudo... até decoração  
19 L2: e sua mulher não gosta?  
20 L1: até gosta... mas eu não aguento aquela bagunça aquele pra  
21 lá pra cá... aquele movimento todo de entra e sai de móveis... e  
22 gente que não acaba mais

- [
- 23 L2: você deveria ficar FORA DISSO e deixar sua  
 24 mulher cuidando de tudo... é:: é:: a mesma coisa que  
 25 deixar na mão de outra pessoa...  
 26 L1: sei disso... mas não suporto nem ouvir falar dessas coisas...  
 27 prefiro comprar tudo pronto e resolvido...  
 28 L2: mudando de assunto... o que você acha do condomínio...  
 29 está bom:::... precisa melhorar essas coisas...  
 30 L1: veja bem... bom bom não está... mas dá para o gasto como  
 31 se diz... especialmente na área de segurança éh:: éh:: precisa  
 32 melhorar MUITO...

Observe a transcrição e responda às questões que seguem:

- De que maneira se dá o fluxo informacional?
- Em que momento é possível perceber que há uma clara mudança de tópico? Comente.
- Classifique os turnos das linhas:
 

a) 3	b) 5
c) 7	d) 19
- Que tipo de estratégia de gestão de turno aparece entre as linhas:
 

a) 1 e 2	b) 15 e 16
c) 22 e 23	d) 10 e 11
- Retire da transcrição um exemplo de autossustentação e um de heterossustentação.
- Retire da transcrição um exemplo de paráfrase e um exemplo de correção.
- Comente a função das repetições.
- Faça um breve comentário a respeito dos marcadores conversacionais.

## Notas

- Dino Preti foi professor titular na FFLCH/USP e, atualmente, leciona na PUC/SP. Foi também um dos pioneiros nos estudos de língua falada no Brasil. É coordenador do projeto da Norma Urbana Falada Culta, o Projeto Nurc/SP. Escreveu várias obras sobre língua falada, dentre elas, *Estudos de língua oral e escrita*.
- Luiz Antônio Marcuschi é professor da Universidade Federal de Pernambuco e um dos linguistas mais importantes da atualidade. Depois de seu retorno da Alemanha, onde concluiu o pós-doutorado, influenciou significativamente os trabalhos sobre língua falada no Brasil.
- Ataliba Teixeira de Castilho foi professor na Unicamp e na USP e também se destacou como um dos pioneiros nos estudos linguísticos sobre língua falada. Além de ter sido um dos coordenadores do projeto Nurc, coordena um dos projetos mais significativos nos últimos anos sobre língua falada, a "Gramática da Língua Falada", que envolve os mais importantes linguistas do Brasil.

## Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica

Manoel M. Santiago-Díaz

"Mas eu não respondo por ter lido muito pouco, não não sabemos nós realmente nada dos textos que roemos, nem escolhemos o que roemos, nem sabemos os detestamos o que roemos; nós roemos..."  
 Machado de Assis

## PARTE 3 FILOLOGIA

### Conceituação de Filologia

O termo *filologia* não é novo. Por isso mesmo suporta diversidade conceitual e, conseqüentemente, sua prática pode tomar trilhos também vários. Vejamos o que diz apenas o *Dicionário Histórico* (2004, p. 1.344), com a indicação da data de algumas acepções. Filologia é (1) o "estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos". Século xv; (2) o "estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos". Século xix; (3) o "estudo científico de desvios do vimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na análise de textos recolhidos nessas línguas (p. ex., filologia latina, filologia germânica, etc.; gramática histórica)". Século xxi; (4) o "estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (paleografia, estatística para datação, história literária, econômica etc.); especialmente para a edição de textos"; e (5) a "parte da linguística histórica que trata do estudo comparado